



## CRÍTICA | NÚCLEO DE PRODUÇÃO

### Grapiúna

No início um corpo negro se debate e agoniza em um barco, retratando também as muitas violências sofridas por corpos negros no interior da Bahia pelas mãos dos coronéis do cacau. Seguido por uma paisagem exuberante da Fazenda Vila Rosa e castigada pelo sol ardente do meio-dia, ali a barcaça de cacau se abre avisando que a hora do cacau chegou na dança filmada de Aldren Lincoln e Giltane Amorim, com a participação de Verusya Correia e Gilmar Silva.

O corpo negro que sai para o sol escaldante, descalço pisa as amendoas de cacau, pés que suam, pés que carregam os calos do dia a dia na lida com o cacau, marcas de sol na pele desse corpo, cicatrizes do esforço sem o reconhecimento.

Na casa grande um corpo se contorce dando destaque para esse lugar cheio de contornos, cantos perdidos, lugares de sofrimento e de bonança fruto do suor do trabalho escravo. A sutileza da violência esquecida nas preocupações do cotidiano, mas reafirmadas a todo pequeno acontecimento que atravessa o encontro entres os corpos que trabalham e os que carregam o chicote.

A figura feminina que olha pela janela transmite paz, quietude e acolhimento, todavia carrega força, atravessa a casa grande com sutileza quase um flutuar e chama para o conflito. O chocolate como um fazer, mas nunca um provar, esse chocolate que sai de um lugar de erotização e entra na fronteira da violência. Esse cacau sendo comido eroticamente, sendo lavado com sofrimento, o corpo que mergulha na água é lavado e preparado para o conflito.

A arquitetura vista na abertura da barcaça de cacau que mostra um momento de tensão do que vai sair dali. E na casa grande da fazenda que traz uma imponência, um medo e uma energia opressora que se agita na garganta. A paisagem exuberante e os seres invisíveis, trazem fortes energias que circundam esse ambiente e aterrissa nos corpos que dançam.

Por fim o combate no meio da água, a transformação e o encontro da areia com essa água enquanto dois corpos se encontram um negro e um branco formando uma dança, um acasalamento, uma imposição, uma sobrevivência. Esses são alguns aspectos vistos nessa manifestação que leva esses corpos para além de suas potencialidades e ultrapassam as barreiras da dança física para chegar a dança espiritual.

Bahia, março de 2021.

Jéssica Andrade, Beatriz Amiê e Jaana Rocha

Apoio Financeiro: